POESIA DO MUNDO

POESIA ALEMÃ

(MODERNA)



A PORTA ABER

Conserva a porta aberta:
posso fechá-la atrás de mim
para abraçar-te, dar-te a minha voz,
e, acender no olhar
a paz da face.

Uma brisa inesperada apagará a luz do quarto, mas a treva não usará o seu poder e não haverá o naufrágio em que os corpos candentes se afogam.

Conserva a porta aberta:
terei partido, antes que
uma vela adormecida se aperceba
e, silenciosamente, camece a brilhar.

A TRILHA

Um raio de luar, descendo num fio de arame, coordena a noite e a escuridão suspensa onde ninguém mais vigia:

— semelhante a alguém que, sòzinho, joga uma partida de xadrez ou se embriaga de "Eau d'or" e de casaco amarelo, chapéu na nuca, trauteia para o vento uma balada.

— semelhante a alguém, que cochichando, mete a mão nas latadas de frutas negras, ou passeia seus dedos úmidos pelo sono das pedras e dos animais.

semelhante a alguém, que faz caretas
no escuro, para a própria solidão,
e que risca com o giz do seu pressentimento,
o longo muro caiado de luar...

Ilustração de Luiz Jaime

Ingeborg Bachmann

NORTE E SUL

Demasiado tarde atingimos o jardim dos exilados através de um sonho do qual nenhum estranho soube. Julguei sentir-me a neve no ramo da oliveira, a chuva, o gêlo sobre a nua amendoeira...

Pode a palmeira — dize-me — suportar a noite se do seu fino corpo lhe arrebatam as amorosas trepadeiras dos caramanchões?

Dói-me pensar que a sua fôlha deva acostumar-se à chuva e ao vento quando nos agasalhamos contra as mesmas intempéries.

De tal sorte a chuva te transfigurou que fechaste o meu leque quando nos tocamos: o tempo escapou de tua mão quando me afastei com o bando de aves migradouras.



NA APÚLIA

Sob as oliveiras,
a luz derrama as suas sementes.
A papoula surge cambaleando
e sugando o azeite incendeia-se
com uma luz que jamáis pode apagar-se.

Tambores nas cidades das cavernas ruflam seus apêlos: pão branco, lábios prêtos, crianças dormindo em manjedouras, eis o que deseja o enxame de môscas para o seu pasto cotidiano.

Se a claridade dos campos raiasse na terra dos trogloditas, a papoula exalaria fumo no bojo das lâmpadas. a dor, consumida no sono exgotaria a sua chama. Burros se ergueriam, transportando mangueiras d'água pelos vales; rêdes seriam tecidas pelas mãos cegas das mulheres vidro e pérolas disputariam a posse das paredes, as portas se vestiriam com sonora indumentária.

As madonas amamentariam as crianças e o búfalo dispararia — o chifre cheio de fumaça na direção do bebedouro verde.

A variedade dos presentes desafiaria os paladares: sangue de cordeiro, peixe, e ovos de cobra. As pedras moeriam os pomares e os vasos de barro se assariam no fogo O azeite jorraria de olhos abertos e a papoula embriagada sucumbiria, violentada pelos olhos das tarântulas.

TRADUÇÃO DE SILÉSIO NASCIMENTO IGNEZ TELTCEER

Wolfdietrich Schnürre

NOTURNO

Sempre a esta hora as Parcas regem os seus gerânios.

Da casa dos Pluenner sobe e desce o rumor de um piano: Edite e Chopin se desentendem...

Um cacho negro da testa do mestre repousa no medalhão da Condessa Sofia, que neste instante desce de um táxi.

E' noite: o padeiro extenuado, move os artelhos nos tamancos. Adiante, chega o massagista (só para cavalheiro) voltando para casa com as crianças...

Sempre a esta hora as Parcas regem os seus gerânios:

RECOLHENDO O ARRASTÃO

Tecido feito de cantos de sabiá: aí dentro, escamosas, gorjeiam as barbatanas do sol, do celeste tubarão que se embriaga no sangue do coração dos gansos selvagens.

Manhã cedo, gotejando espanto, derramam sôbre a terra fôfa o enxame de saltos prateados; em redor, na beirada da rêde, dançam rôlhas, amestrando as cotovias irrequietas.

Daí a pouco — já amanhã — também nós repousaremos afogados no poço do verão.



MIMOSA, de Leopoldo Fróis - no TMN: representação melancólica, com que o Clube Dramático Fluminense & Comissão Artística e Cultural do TMN pretenderam homenagear o falecido comediante brasileiro. A homenagem, que levou mais de ano para ser realizada, foi disputada por muitos que pouco sabiam da vida e da obra do homenageado. Consequência: improvisação e desencanto, obscureceram alguns talentos, comprometidos no espetáculo, enquanto a atualização da peça tirava-lhe o único mérito: um estudo da época em que se desenvolve e em que foi escrita. Participaram do espetáculo: Gioconda Fróis, Corina Fróis, Iris Fróis, Ruth Steffens, Fátima Castro, Nina Moreira, Nilza Campos, Luís Pires, Domingos Barcelos, Daniel Gonçalves, Fernando Bonorino, Luís Almeida, Waldyr Nunes, João Pinto, Francisco Varandas, Júlio Nunes, Vergílio Piccinini. Direção de João Pinto.



BALLET HISPANO-BRASILEIRO - De Clotilde Ferreira Gomes: conjunto de dança



TEATRO

QUANDO GENTE (de Teatro) QUE PENSA DIZ O QUE PENSA...

REGISTRO que aqui se faz das opiniões de personalidades em evidência do teatro brasileiro, incluindo atores, diretores, enógrafos, dramaturgos, críticos, produtores, etc., foi extraído, sem qualquer critério de análise ou pesquiza, de fontes ordinárias como: jornais, revistas, programas de teatro, entrevista e discursos. A precariedade da seleção não impede que se veja, nesta síntese, o processo do pensamento daquilo que a liberalidade da língua inglêsa desig iou como theatrecraft (ofício do teatro). A presença nesto regista, da opinião de personalidades do teatro internacional, não pretende estabelecer nenhuma qualidade de paralelo. A única intenção que se persegue é a de subtrair do interconfronto uma avaliação, generalizada, é claro, do processo de evolução do nosso teatro, da sublevação da rotina, do afã de revisão e autosuperação que domina a mentalidade teatral de nossos dias, esforços realmente capazes de fazer do teatro brasileiro uma entidade viva e atuante. J. F.

> DE PAULO FRANCIS: (a propósito de A BE-LA MADAME VARGAS pelo T.N.C.)

"O povo gosta de melodramas como A BELA MADAME VAR-GAS, pois apresentam visão da vida em termos de "preto e branco", sem sombra de complexidade, o que corresponde a sua ignorância e submentalidade. Mas arte tem função de nos devolver a nós mesmos como somos na realidade, e não como gostariamos de ser. A peça de Paulo Barreto é teatro para o povo. O ideal é fazer teatro pelo povo. Daí não se justificar a inclusão de A BELA MADAME VARGAS no epertório do TNC, companhia com finalidade educativa determinada por lei, sem obrigações de comércio".

DE NATÁLIA TINBERG: (antes da estréia de SENHORA DOS AFOGADOS de Nelson Rodrigues, numa entrevista concedida a Gustavo Dória).

- "Eu sinto que o teatro é mais importante do que a vida. Certos papéis decisivos, despedaçadores, conferem a pessoa da atriz uma dimensão nova e definitiva, uma enorme riqueza interior. Só os ingê nuos, os inexpertos, os frívolos pensam que os problemas de interpretação se resolvem na base simples da técnica ou do puro "metier". Naturalmente, há também o problema da técnica, do "metier", sim. Além deles, porém, é preciso que do personagem para o intérprete se crie uma série de relações, de afinidades, de profunda identificação emocional. Em suma, uma posse recíproca. Exceto os papéis que não mar não apaixonam, que não nos fazem sofrer na carne, na alma. Para êsses bastas os recursos da técnica.

DE JORACY CAMARGO: (em discurso, no quadragésimo aniversário da SBAT).

- "São as virtudes originais do teatro, de que precisa o nosso abstração que o afasta do livro e que produz a tendência do homem brasileiro para realizar e materializar suas idéias, dando-lhes entidade plástica. E' o sortilégio do teatro, dispensando a cultura popular, para realizar a cultura do povo. Muito mais inculto do que o nosso era o público grego, e muitissimo mais o inglês e o espanhol do século XVI, e, entretanto, Edipo, Hamlet e Peribáñes eram êxitos formidáveis de cultura. Aí está caracterizada a missão do teatro e selada a responsabilidade dos dramaturgos na formação da mentalidade de seu xas, personalidade, tendência e idéias próprias, é o fator determinante povo, na recuperação de todos os danos causados pelos erros das ge-

DE CACILDA BECKER: (em entrevista ao jornal IMPRENSA POPULAR, sôbre a posição do teatro em relação à bomba atô-

- "Seria mais importante que se aplicasse mais dinheiro no desenvolvimento do teatro e do cinema do que em bombas e canhões, que só nos levam para a destruição. Teatro é beleza e precisa de pureza de animo para realizá-lo, porém nada é mais belo do que a paz. Às vêzes, mais vale um espetáculo de teatro do que um comício em praça pública. Os problemas morais, poíticos, religiosos, sociais humanos, enfim, tornam-se, realmente palpáveis. O teatro promove o debate sadio dêsses problemas, apoiado no plano elevado da arte".

DE CHARLES MORGAN: (num artigo de sua autoria, publicado no DIÁRIO DE NOTÍ-CIAS, sôbre a sua peça O CRISTAL AR-

-"O problema que atormenta a Humanidade não consiste, apenas, em saber como salvar a pele, mas como encontrar, de novo, a harmonia, o equilíbrio e a doçura da vida. O dever de um autor teatral ou de um artista, seja qual fôr, não é ditar respostas, mas, se o puder, apresentar bem as questões vitais. Por exemplo: tenho motivos para empregar a fôrça que põem a minha disposição? Tenho certeza de que é boa, mesmo que seja cômoda e não ameace ninguém? Não será benéfica, na medida em que a utilizarei sem orgulho e com vigilância? Se perguntarmos a nós mesmos o que, simples particulares, podemos fazer no estado atual do mundo, parece certo que a primeira resposta será: façamo-nos perguntas como estas. As respostas virão espontaneamente. Quando em O CRISTAL ARDENTE, Christophe se atormenta antes de adotar uma decisão, sua espôsa Mary diz-lhe: Deixa que se forme só. Quando estiver madura, saberás o que fazer. -'

> DE DI CAVALCANTI: (Numa aula inaugural do Curso de Cenografia do SNT).

- "O teatro é uma escola completa de vida; tôdas as vaidades humanas nêle se entrechocam; tôdas as virtudes permanecem na humildade do trabalho contínuo, para se atingir uma perfeição, que, às vêzes, só tem a duração de um segundo. Vindo cooperar com o Serviço Nacional de Teatro, já no outono de minha vida, sinto que venho me completar. Fui sempre um homem solitário, cercado pelo calor de inú-Antevejo minha velhice, hoje, com uma grande alegria no coração. Servindo aos moços, tenho a certeza de continuar em plena mocidade O teatro guarda a substância da renovação constante. E' sempre vida. As grandes obras da pintura são cenas teatrais. A exclamação que nos vem a bôca, diante duma linda paisagem, quando dizemos – é um espetáculo - consagra o teatro".

DE ALEXANDR TAIROV: (em artigo publicato em 1947, na revista LITERATURA SOVIÉTICA, a propósito da decadência do teatro ocidental).

- "A ausência de teatros estáveis, que possuam companhias fie fatal da vida do teatro no Ocidente em geral, e, em particular, do teatro da Inglaterra e Estados Unidos. Este fator influi perniciosamente, no nível cultural do teatro em seu conjunto e no artístico dos atores, ainda que se trate das figuras obrigadas pela fôrça das exigências dos empresários, sete chaves, suas aspirações e ideais, e a converter sua tarefa extenuante, física e moralmente.

DE LUIZA BARRETO LEITE: (escrevendo em DIONYSOS, a respeito do tema de uma conferência realizada por Jean Louis Barrault, no Brasil: "O amor do "metier")

"Sonhar com Shakespeare, Molière, Bernard Shaw Pirandelo, interpretados como devem ser, para depois de quinze ancs de lutas incessantes possuir apenas quatro metros quadrados de horizonte. Unir no mesmo amor sem esperança, depois de uma eternidade de sacrifício, os gregos e os modernos que disseram e dizem coisas eternas, que jamais serão repetidas por nossas cordas vocais, enferrujadas pela inércia. Desejar o impossível, sabendo que é impossível, e continuar desejando. Tomar passagem para a lua e desembarcar em Caxias, mas continuar olhando o céu, esperando que a lua venha a nós, já que não podemos ir até ela, observar-se ao espellio para verificar que um dia atingiremos o físico das bruxas de Macbeth, ainda com alma de Julieta, saber que a nossa luta é inútil e inglória porque estamos encarcerados como os perus quando são postos dentro de um círculo de gis, mas saber, sobretudo, que continuaremos lutando, porque o fim do mundo está mais próximo do que o fim das nossas ilusões, isto sim me parece que é amor ao "metier".

> DE JOSE' MARIA MONTEIRO: (no programa da peça OS AMANTES, de Samuel Rawet, estreiada sob sua direção).

"E' coisa sabida que o diretor é o ponto de contato entre a obra e os intérpretes com relação ao público. Que tanto melhor fôr a sua compreensão da peça, mais bem interpretada ela será. Relendo peças minhas antigas, verifico meus erros... Quatro anos de experiência como metteur-en-scène me ensinaram o que em dez não teria aprendido só escrevendo, mesmo que fôsse um autor de sucesso. Os processos da técnica de escrever para teatro se renovam muito mais fàcilmnte pela montagem no palco, do que pela simples leitura de bom

DE WILLY KELLER: (na seção de Teatro da revista LEITURA, a propósito de Brecht e o Teatro Brasileiro).

"Uma renovação que não abraça todos os setôres da vida pública e a própria população não de uma desordenada revolta sem consequência. Temos de criar o senso da responsabilidade para com a sociedade e os indivíduos das quais ela se compõe. O homem de teatro, lutando na frente das divergências intelectuais, precisa ter uma noção perfeita daquilo que deve ser renovado para poder cumprir os seus deveres. Se achar-mos que tenha chegado o momento de apresentar Brecht ao público brasileiro, devemos primeiramente, perguntar, se os nossos diretores, cenógrafos e atores estão preparados para interpretá-lo. Se queremos proceder com honestidade e lisura, não devemos começar por onde êle acabou e sim, modestamente, com as peças didáticas. Elas representam um excelente material para discutir e experimentar todos os problemas relacionados do teatro épico".

Um novo por vez



Xavier faz de garimpeiro em Diamantina, M. G.

Niteroiense de quatro costados, colaborador permanente de LETRAS FLUMINENSES, Xavier Placer é um trabalhador literário infatigável. Professor de Bibliografia na Biblioteca Nacional, tem vários trabalhos sôbre biblioteconomia, dentre os quais sobressai o ensaio bio-bibliográfico sôbre Adelino Magalhães, que cuidadosamente organizou e foi publicado em resumo, aqui, na homenagem

XAVIER PLACER

especializadas o entrevistado de hoje conta em sua bagagem literária com um romance (A ESCOLHA, J. Olímpio, 1944); contos (DOZE HISTÓRIAS CURTAS, Agir, 1946); crônicas estilizadas obre o Rio (IMAGENS DA CIDADE, Margem, 1952); critica (DUAS CONFERÊNCIAS: J. A. - RINBAUD e PANORAMA DO MODERNO ROMANCE BRASILEIRO) e poemas em prosa (O NAVEGADOR SOLITÁRIO, Margem, 1956). Promete novo ronance (O SERVO INFIEL) e mais contos (HISTÓRIAS PARA MATAR O TEMPO). Ainda neste fim de ano: O SONHADOR. Nas horas vagas, é bibliotecário do Ministério da Agricultura, onde trabalha numa mesa preta em uma sala enorme cheia de outras mesas pretas com outros funcionários, mas êstes apenas funcionários Foi nesta sala que, ouvindo ronco de aviões e avitos de lanchas, rea-

P. Por quê se fêz escritor?

R. Uns praticam esporte, uns ganham dinheiro êste quer ser vereador, outros nada querem, aquêle ali se apaixona por dez mulheres; cada qual tem seu gôsto, sua ilusão. Ora nenhuma de tais coisas isoladamente me satisfaz. Então escrevo. Para mim; publico, para os outros.

Quais os autores que vêem marcando sua formação?

Parodiando o autor de Os Irmãos Karamazoff, penso que o escritor brasileiro pode dizer: "Saimos todos de Machado de Assis". Aos vinte anos me encantei com Proust. Não me canso hoje de ler Stendhal romancista. Porém os mes tres de meu espírito, se não vai pedantismo nisto, estão no revoltado Rimbaud (de quem traduzi Uma Estação no Inferno), e em Dostoïewsky. Este último é o Berdiaeff de O Espírito de Dostoïewsky quem me ensina a compreen-

P. Em relação aos quadros atuais da nossa literatura, em que autores e obras se detém?

R. Agradam-me os poetas Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Augusto Meyer. E Graciliano Ramos de Angústia; Jorge de Lima de A Mulher Obscura; Cornélio Pena de Fronteira; a prosa impressionista de meu conterrâneo Adelino Magalhães. E mais os ensaistas Eugênio Gomes, Augusto Meyer, Otto Maria Carpeaux, Brito Broca.

Acaba de falar em Adelino Magalhães, Pergunto: você é um dos que o consideram precursor da literatura moderna no Bra-

cas. E mais, não é somente precursor do que viria a se rotular de Modernismo a partir de 22, mas (repetindo Andrade Murici) um realizador também. No capítulo -Impressionismo na Prosa de Ficção - que escrevi para o último volume de A Literatura no Brasil, dirigida por Afrânio Coutinho, e a sair em início de 1958, analisei êsse e aspectos outros da personalidade do escritor fluminenso

Quais as causas da "conspiração de silêncio" que durante tanto

R. Organizador do Roteiro para a "ilha" Adelino Magalhães, posso depor que não houve pròpriamente tal conspira ção. Artigos, notas, etc. se escreveram na oportunidade de cada nova publicação. Apenas Adelino Magalhães, como bom fluminense, é criatura discreta, aristocrata de espírito; antes de ser um escritor é um homem - não arma a sua cama no meio da rua... Mas o reconhecimento chegou. Ainda no ano vindouro terá uma 2.ª edição (texto crítico e definitivo) de Obras Completas, pela Editóra

Há pouco citava você autores brasileiros de sua predileção. Não se referiu a Guimarães Rosa. Há, presentemente, duas corretes a respeito do autor de Grande Sertão: Veredas, Uma (talvez a maioria), dos que o endeusam como fenômeno literário aplaudindo com um entusiasmo quase de claque; outra que lhe nega maior calor, o dá como escrevendo mal e inintelegicel-

R. Encontro, desde Sagarana, um élan criador em seus temas e a forma barrôcamente estilizada à brasileira. Admiro isso e o resto – apenas meu temperamento é diferente

Passando à gente morta, me lembro que foi a figura de Padre Tobias, em seu A Escolha, que conquistou a admiração do grande Mário de Andrade. A propósito, acha que se devem publicar as cartas de Mário, embora éle tenha pedido à Academia Paulista (legatária) para entregá-las ao público sòmente após longo prazo depois de sua morte?

R. Francamente, você me apanha de surprêsa. Não tenho idéia sôbre. Porém, se o criador de Macunaima pediu tal coisa, deve ter tido motivos, e bom é que seja atendido.

Voltando ao seu romance de estréia. Você poderia colocar no frontispicio de A Escolha, aquêle lugar-comum dos filmes de

Marques Rebêlo, Poeta Morto

diz com propriedade Stela me abriu a porta, está con-

sempre de char para impressoramentos.

As palavras são as do povo nos diálogos, e no texto jamais são rebuscadas. As orações com maior

Afirmando que a poesia o domina, hoje, integralmente, o prosador faz um testemunho de sua mento de sua origem em Camões e Antero de Quental, para culmi-nar em Carlos Drummond de Anbemos aí o roteiro quase cronoló-gico na formação de seu estilo — primeiro os clássicos, depois os pós-modernistas. Percebendo dêsepigrafe que êle escolheu para vocação estava na prosa, não fêz

dem transformar em prosa rebe-liana. Foi a Revista de Antropo-fagia que publicou em sua primei-

ra página o seguinte poema

E respirei fundamente a frialdade Da manhã. Sob risadas de sinos A cidade brincava de es-Dentro da névoa.

que êste tipo passa por êle:

lábios do poeta. Bem que os seus olhos pousaram na minha figura franzina, mas éle não me viu. Vai só, absorto, ruminando uma rima mais lúcida para o právimo sonáta imperával

entre a trepadeira cerrada desmancha no ar a nostalsua procura porque "èle ama a Beleza, pela Beleza vive, pela Beleza, um dia, morrerá". (28)

- Mais um futuristal c prosador simbòlicamente deu por

BIBLIOGRAFIA Cenas da Vida Brasileira

14 - Cenas da Vida Brasileira -

quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto!"

- Vou levar êste livro para mim, disse fechando o livro e encostando-o inexplicàvelmente contra o coração.

16 - Frank Grandjean - "Une Revolution dans la Phillossophie", pág. 64, nota 1.

17 - Rua Alegre, 12 - Edição Guaira, 1940 - pág. 37.

18 - A Estrêla Sobe - Livraria José Olimpio Editora, 1939 - pág. 61.

20 - Maraja - Edições O Cruzeiros, 1947 (revista pelo autor) - pág. 128.

21 - Oscarina - "Três Cami-

coração.

— E' um favor que está

prestando.

Sentí-me ferido, pensei
no Poeta, olhei com piedade para o meu amigo, que
se espichara no sofá. F.
êle se mostrava tão tranquilo que não houve mais
large area piedade. Tiva-

ligar para piedade. Tive-lhe ódio, um ódio imen-so. (29).

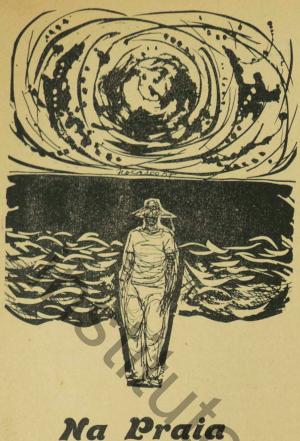
pág. 17.

25 – Martin Heidegger – Dei Holzwege, apud Letras e

distingui-los dos versejadores vul-distingui-los dos versejadores vul-grando E or distingua hem pro Maio". 28 – Oscarina, pág. 86 – "Em gares. E os distingue bem, por trazer dentro de si aquêle Poeta 29 — Stela me abriu a porta —

30 – pág. 29. 30 – Oscarina, pág. 69 – "A Mudança".

Página 9



OSTAVA de ficar assim, as mãos sob a nuca, olhando sem rumo para o céu.

mãos sob a nuca, olhando sem rumo para o céu.

As espáduas largas e carnudas conchegavam-se contra a arcia, sentindo a grama rala que naquele ponto começava a invadir a praia. As nuvens passavam, a principio não dizendo nada e deppis tomando formas, contando histórias. O cavaleiro São Jorge matava o Dragão e logo se ia esgarçando, até virar navio ou névoa; vinha a cabeça de velha, — a grande cabeça de velha, disforme e cínica — ria, ria, abria a bôca numa gargalhada que se ia transformando em rictus de dor, de sarcasmo e desaparecia.

Destado assan não via a Terra—fixava o azul brilhante: a principio parecia tela de cinema, sólida, por onde as nuvens fôssem passando, projetadas; aos poucos ia-se tornando líquida, adquirindo profundidade — e ele tinha, então, noção da distância, do abismo, sentía-se suspenso no espaço, a despegar-se da Terra para cair no Universo e ficar girando em tôrno de um planeta, como satélite gigantesco (só pudera definir o que sentía depois de ouvir a professôra dos astros aos alunos em excursão). A brisa penteava a praia e depois subia-lhe pelo peito, trazendo grãos de areia e lhe pondo um estremecimento leve pelo corpo. O mar — chuá... chuá — dava-lhe sono.

Chegaram-lhe ao ouvido lances da partida de futebol irradiada.

Chegaram-lhe ao ouvido lances da partida de futebol irradiada. O Cruzeiro estava forte mas o jo-go era duro. Prestou atenção, mas não pôde distinguir bem. Era preciso chegar mais perto. Levan-tou-se devagar, num marasmo, e ficou ainda, por uns instantes, contemplando a vastidão. Depois caminhou, no seu andar bamboleante, por entre os cajueiros, rumo ao velho bar que matava a sêde aos pescadores e, aos domingos, nas tardes de jôgo, alimentava-lhes as preferências esportivas.

O vulto conhecido provocou, como sempre, cuidados maternais:

— Juca, anda p'ra dentro, menino: lá vem o Corisco.

Margarida, traz seu irmão, menina. Anda com isso!

sim: que não se me tessem a bêsta com êle era o que

Com os pescadores a reação era diferente: limitavam-se a olhá-lo e continuavam a bebericar, as pernas cruzadas, balançando os pés descalços e rudes. A prin-cípio haviam tentado a aproxima-

– Como é, irmão, vai uma branquinha?

Aos poucos o mutismo arrefecera a hospitalidade. Melhor assim: que não se metessem a bêsta com êle era o que queria. Bastava-lhe o mar. O mar e a areia branca, cheia de segredos.

O jôgo estava no fim. Chegou a tempo, apenas, de ouvir os lan-

O que é que você quer? —
perguntou rispido. — Me olhar?
 O guri meneou a cabeça dizendo "Não". Tinha o cabelo louro
e uns grandes olhos azuis, que o

fixavam com interêsse. Não gostou da curiosidade. Sentiu-se fera de circo em expo-

sição. – Vá-se embora!

Mas o guri não se mexeu. O ho-niem sentiu-se atrapalhado. Le-vantou-se e seguiu pelo areal. Mas sabia que estava sendo seguido. Olhando de soslaio podia vê-lo a curta distância.

Parou de repente e virou para trás: o guri parara, também, mas continuava a olhá-lo. Devia ter uns cinco ou seis anos e seu rosto era firme e sereno.

Era melhor tentar outro geito. Féz um gesto com a mão: — Vem cá... Como é seu no-

- Frederico..

 Você mora por aqui?
 O guri fêz vagamente que sim com a cabeça, mas não parecia muito interessado em responder: continuava a observá-lo com in-terêsse. Até que perguntou, por

Você mora no mar? O homem deu uma grande garalhada, desproporcionada, esticou-se na areia, rindo (saía às vê cou-se na areia, rindo (saia as ve-zes do mutismo, assim, e explodia a rir sem grande razão). Depois virou-se de bruços e ficou escor-rendo a areia por entre os dedos, fazendo montinhos que a brisa

Quem te disse que eu moro

Mamãe.. Esticou o braço musculoso apontando uma gruta que se via ao longe, na encosta onde findava

Está vendo aquela toca lá?
 Eu moro lá...

Não achou geito de continuar a conversa. Na verdade o guri o constrangia. Não gostava de ficar assim, falando, falando. Apoiou o

queixo nos braços cruzados e fi-cou contemplando o mar.

Seu nome é Corisco mesmo?
 Não quiz responder. Mas o guri continuava a olhá-lo, com seus grandes olhos azuís e serenos. Diabo de garôto chato.

– E' Corisco sim... é... é... Por quê ?

Por nada.

O gurí chegou mais para perto dêle, como para examiná-lo me-lhor e perguntou:

– Você tem mãe? - Voce tem mae?

Contorceu-se de novo numa gargalhada, rolou na areia e ficou depois olhando para o céu, num último riso. Mas logo sentiu uma profunda melancolia. Era o diabo daquele garoto dizendo besteira, forçando-o a ficar falando, falando. Virou de bruços, de novo, escondeu o rosto nos braços e fechou os olhos. Talvez assim o guri fôsse embora. guri fôsse embora.

Quer que eu vou buscar mer-

Não fôra ainda; estava ainda ali, falando não sabia o quê.

Quando eu se machuco mamãe põe mercúrio...

Não deu resposta.

Mas quando percebeu que estava só sentiu uma espécie de de-sapontamento. Logo deu de om-bros e ficou olhando as nuvens passarem.

- Pronto: já trouxe o mercú-

Não contava mais com êle. Virou-se espantado. O guri tinha na mão um vidrinho vermelho.

- Quer que eu ponho no seu pé?

ces decisivos. O Cruzero era o outro dos seus pontos de atração; não muito forte, mas gostava de vê-lo enfrentar os adversários.

— Corisco Corisco! — o bando irreverente, fugindo aos cuidados maternos, provocava-o.

Despegou-se do cajueiro e deulhes uma corrida brusca. Fugiram às risadas. Safados! Um dia ainda lhes mostrava.

Seguiu pela areia capengando: ferira um pé na carreira. Não sentira, na hora; mas a dor começava a vir e um rastro de sangue ia tingindo a areia.

Intou-se entre as pedras e exaferida: um talho pequedo, espremido entre da pele.

Tar projetalhos e

Tanto Pron.

Can...

Garoto gozado...

Levantou-se de repente se para o guri:

— Vent cá, que eu vou-te dar uma coisa.

Seguiran pelo areal, as duas sombras ondulando no chão, as cabeças negra e loura brilhanco diferentemente ao mesmo sol claro de maio. O guri andava com passo curto e rápido, para poder acompanhar as largas passadas do homem. Gaivotas, ao longe, prendiam atenções, evoluindo no ar e mergulhando a miúde. Lagartivas fugiam dos dois, de súbito, fazendo um ruido raspado na grama que invadia a praia.

Por fim chegaram à gruta. C guri entrou curioso, olhando: cer de pesca pendurados, uma ra a remos, um puçã. O les para o funda de levantou-se da capengando:

Evantou-se de repente capara o guri:

— Vent cá, que eu vou-te dar uma coisa.

Seguiran pelo areal, as duas sombras ondulando no chão, as cabeças negra e loura brilhanco diferentemente ao mesmo sol claro de maio. O guri andava com passo curto e rápido, para poder acompanhar as largas passadas do homem. Gaivotas, ao longe, prendiam atenções, evoluindo no ar e mergulhando a miúde. Lagartivas fugiam dos dois, de súbito, fazendo um ruido raspado na grama que invadia a praia.

Por fim chegaram à gruta. C guri entrou curioso, olhando: cer de pesca pendurados, uma r ra remos, um puçã. O les para o funda da levantou-se da pelo area.

Por fim chegaram à gruta. O guri entrou curioso, olhando: cestos de pesca pendurados, uma rêde velha, remos, um puçá. O homem dirigiu-se para o fundo da gruta — maior do que de fora parteria ser — e começou a remeter recia ser — e começou a remexer uns trapos; depois voltou, trazen-do nas mãos uma enorme estrêla do mar, de meio metro quase, sê-ca já, com as largas pontas retor-

Um riso de fascínio iluminou o nosto do garóto, que tomou a es-trela nos braços — com cuidado, com amor — e ficou a lhe acari-ciar, emocionado, a superfície ás-pera e estranha.

CONCRETO PLASTITO E ABSTRATO NO POEMA E FORMA

(Conclusão da página 8)

ra e simplesmente num desafôgo intimista, demasiado sentimental,

Não será por conseguinte odioo ouvir-se as palavras de Sílvio Romero: "Sou do número daqueles que ainda apreciam a poesia íntima, recordativa, pessoal". O oposto que se está pretendendo realizar revela sumàriamente esta realidade: uma poesia íntima recordista, pessoal. Intima, porque o autor extrai de si mesmo os argumentos de sua composição; a arquitetura do poema; o ideograma, isto é, o "puzzle" armado com paciência, premeditadamente. Recordativa, porque o poeta volta inconscientemente ao passado, no 'seu" passado e infância, o que, para nos, que não cuidamos de psicanálise, é uma incógnita. Pessoal, porque nada mais retrata a personalidade egocêntrica do autor; nenhuma mensagem transmitindo à sociedade, filtra, para dentro de si mesmo, como um cone virado ao avêsso, tôdas as emoções porventura perceptíveis a cada um de nós

E afinal, em que ficamos? Resíduo de culturas alheias, continuamos a absorver a atmosfera do mundo. Podemos ressaltar a conhecida observação de Sílvio Romero: "Todo e qualquer problema histórico e literário há-de ter no Brasil duas fases principais: uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento europeu e outra pelo meio nacional, uma que deve atender ao que vai pelo grande mundo e outra que deve verificar o que pode ser aplicado em nosso país"

Enfim: "A literatura no Brasil, a literatura em tôda a América, tem sido um processo de adaptação de idéias européias às sociedades do continente. Essa adaptação nos tempos coloniais foi mais ou menos inconsciente; hoje tende a tornar-se compreensiva c leliberadamente feita. Da imitação tumultuária, do antigo servilismo mental, queremos passar à escolha, à seleção literatária e cientifica" (2).

E' o que se tem feito. Acompanhemos, pois, o movimento concretista, reflexo dos mais recentes acontecimentos literários do mundo. Com alguma coisa nos beneficiará.

(1) FORMA n. 1, junho de 1954. (2) Sílvio Romero, HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 5.ª edição, I. Vol., pg. 63 (Liv. José Olym-pio Editora, Rio, 1953).

UM NOVO POR VEZ

(Conclusão da página 9)

Hollywood: "Qualquer semelhança com personagens mortos ou vivos terá sido mera coincidência".

- R. Não; tudo ali é maldisfarçadamente autobiográfico. Nos livros subsequentes, idem. Mas já então com recursos despistadores eficazes.
- Você concorda com Truman Capote em que o conto é o gênero mais importante e mais difícil da literatura?
 - R. Deveras êle coloca assim a questão? Não vejo êste gênero mais importante do que aquêle; não entendo coisa fácil ou difícil para o artista. Me lembra Novalis: "O artista pode e deve querer representar tudo"... Acrescento sim que considero os gêneros breves tipos ideais de literatura em nossa época a jato.
- P. Suas short stories se inspiram na realidade vivida ou observada ou são frutos da imaginação?
 - R. Ainda aqui lançarei mão de uma sentença alheia. Dêsse alto poeta tão sofisticadamente em voga: Rilke. Digo: também as short stories, como "os versos, não são, qual acreditam alguns, sentimentos (têm-se êstes sempre demasiado pronto), são experiências". Sorria, meu amigo, mas é nêsse espírito que passo ao papel minhas "histórias curtas".
- P. Houve um tempo quando nós começávamos que se falou muito em preocupação social versus tôrre de marfim. Será muito anacrônico tocar neste assunto?
 - R. Como você sabe, cursei Seminário. Na adolescência me saturei de Escolástica; depois, por conta e risco, andei por Bergson, Freud Marx. Hoje medito Spinoza, a sua Ética. essa bíblia dos solitários. Cândidamente confesso: sempre me espantou o desinterêsse generalizado do escritor brasileiro pela procura de uma filosofia de vida, substituida aliás por um ingênuo naturalismo. Quanto à preo cupação social versus tôrre de marfim, não logrei então nem logro agora atinar o que seja...
- P. E a pretensa e também pretenciosa geração de 1945, existe? Sim, o recente movimento concretista - como o denominam os seus próprios corifeus - merece consideração?
 - R. Geração de 45 é Batalha de Itararé: não houve. O que houve e há é o Pós-Modernismo. Os estreantes daquela década - Clarice Lispector, Floriano Gonçalves, Murilo Rubião, Braga Montenegro, Breno Acioly, eu e outros na prosa Lêdo Ivo, João Cabral de Melo Neto, Antônio Rangel Bandeira, você e outros na poesia — fomos um grupo Que se juntou (mas sempre é assim), para conquistar um lugar ao Sol. E logo se dispersou. Grupos tinham vindo antes, continuaram vindo outros a seguir. Até êsse último que brilha no Jornal do Brasil.
- P. Sim, o recente movimento concretista como o denominam os seus próprios corifeus - merece consideração?
 - R. O Concretismo está servindo para sacudir o academicismo modernista. E a arte brasileira se enriquecerá de mais uma pesquisa formal. Dentro ou fora déle, o talento verdadeiro (talento é tudo) realizará outra coisa, que denunciará apenas tal contaminação.
- Então que conselho daria aos novissimos?
 - Nenhum; sugestões, estas. A todos êles, que não se acreditam gênios. Nariz espetado no ar pode apanhar "asiatica", e esta mata. Particularmente aos da prosa que, ao invés de escrever obras próprias, treinem primeiro em traduções. Aos da poesia, voltem dois dedos da sutil sensibilidade para o poema em prosa. O poema, em prosa — quantos recursos!
- P. Que mais aspira realizar literariamente?
 - R. Meu terreno é a prosa. Quanto venho escrevinhando não passa de um exercício remoto para o meu secreto desejo de acabar artísticamente por onde canhestramente estreei: o romance. E' gênero que exigo (sabe-se) experiência de vida e maturidade de espírito. Espero ardentemente chegar lá.
- P. Qual a maior virtude de um escritor?
 - R. A fidelidade a si mesmo, Que de resto se cumpre, não nos "s'tá bom", "formidável" das rodinhas, mas sem ênfase e até com paciência muita e humildade, no silêncio e na solidão. Porque o mais é carnaval de beletristas e plumitivos...
- P. E para terminar, qual a figura humana que mais o impressionou?
 - R. Eu sempre vivi mais no meio de artistas plásticos do que entre gente da pena, em amizade com Pancetti, Da Costa, Djanira, Pedrosa (escultor). Foi aí que encontrei um dos tipos humanos que mais me tocaram: Tomás Santa Rosa Junior, o grande Santa.

"POEMAS DA ANGÚSTIA ALHEIA

Por GONDIN DA FONSECA

Traduções em verso de OSCAR WILDE, EDGARD POE, ARVERS, RIMBAUD, DANTE e SÃO FRANCISCO DE ASSIS, confrontadas com os textos originais.

Consideradas pela crítica entendida, como o que de mais perfeito já se realizou no Brasil em matéria de traduções em verso. As traduções magistrais de Gondim da Fonseca, aparecem agora, nesta 3.ª edição, completamente revista e refundidas.

A dificílima versão de O CORVO, de POE, em versos, com metrificação criada por Gondim da Fonseca. Também de POE — ELDORADO, ANNABEL LEE, e os SINOS. — A BALADA DO CÁRCERE DE READING, o belissimo poema de OSCAR WILIDE, maravilhosamente traduzido. O famoso Soneto de ARVERS, numa tradução feliz.

dução feliz.

Extraordinária e perfeita versão do originalíssimo SONETO
DAS VOGAIS, DE RIMBAUD. Duas traduções de DANTE: Canto
5.º do Inferno e o Canto XXXIII (Episódio de Ugolino). Finaliza o
volume o CANTO DE LOUVOR DAS CRIATURAS, de SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

Gondim da Fonseca, em notável estudo de interpretação, à luz das modernas teorias da Psicanálise, elucida da maneira mais clara e positiva, o sentido e o enigma da poesia e as neuroses de POE WILDE e RIMBAUD. Também numa bela exposição, Gondim da Fonseca nos dá conta do que a priespablicamente a Seneta do Fonseca nos dá conta do que é, psicanaliticamente, o Soneto de ARVERS.

Abre o volume a poesía OFERENDA (Ode a São Paulo), original de Gondim da Fonseca, escrita para o 4.º centenário de São Paulo.

Belo volume impresso a duas côres, em papel bouffont de 1.a, com 200 páginas, brochado, Cr\$ 100,00.

LIVRARIA SÃO JOSE'

R. São José, 38 - Rio de Janeiro - Telefone: 42-0435 Enviamos para todo o Brasil pelo Reembolso Postal e contra-cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.